

# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

48

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (MARÇO 31, 1838)



BULIBANY, CIDADE AFRICANA, E A ARVORE — BAOBAB.

BULIBANY, CIDADE AFRICANA, E A ARVORE  
— BAOBAB. —

SE ALGUEM estiver na persuasão de que todos os habitantes do interior da Africa, ou são tribus errantes e bravias, ou vivem em aldeias de miseráveis cabanas, sem o menor vestigo de civilisação, e em privação absoluta de commodidades, ahi lhe damos o desengano na vista d'uma cidade situada no sertão da Africa occidental, e que é a capital d'um estado, e residencia d'um potentado, ainda que nem a soberania deste seja mui vasta, nem a sua corte possa admittir comparação com a polícia e tracto das nações mais cultas. Bulibany é uma povoação com sua apariencia regular, e tem para defensão muralhas de taipa com suas portas e torrinhas; conta alguns edificios, ainda que toscos e em mau estado; é arruada, posto que as ruas sejam apertadas, irregulares, e imundas. O povo é mahometano, tem escolas onde se ensina a ler e a escrever os preceitos do alcorão. Parece que tudo isto já não é pouco para uma gente de cor quasi preta, e geralmente tida em conta de boçal e feroz. E verdade que sempre é uma capital que não tem dois mil habitantes; porém ainda assim é a cabeça do reino de Bondu, e a residencia do *almamy*, ou principe deste paiz, que jaz entre os 14 e 15 graus de latit. N., e 10 e 12 de long. O., vizinho do Senegal, e frequentado pelos traficantes negros que andam do Gambia para este rio. Os habitantes não são de todo pretos, teem uma cor de cobre, e feições mais européias que outra qualquer nação africana, exceptuados os mouros; não teem os cabellos tão curtos e encarapinhados como os negros,

e são geralmente dotados de olhos mais expressivos, maiores, e mais redondos: a sua estatura é mediana e proporcional, as mulheres sobre tudo são esbeltas e bem feitas. Em seus trajes, enfeites, e usos se observa uma tal ou qual polícia, que os supõe muito susceptiveis d'um progresso de civilisação, quando venham a ter tracto mais activo e sucessivo com as nações cultas da Europa.

O ponto de vista da cidade, tal qual a vemos em nossa gravura, é tomado d'um campo dos arredores, e como sobre este estende os enormes troncos uma corpulenta arvore, diremos alguma cousa acerca desse gigante vegetal, que é a *baobab*, ou *adansomia*, indígena do clima ardente do Congo, ou baixa-Guiné, onde nós possuímos Angola e outros ricos dominios.

Em o nosso paiz, onde o frondoso e copado carvalho, a quem pouparam as gerações precedentes, causa tanto entusiasmo e assombro, faz-se muito acaanhada idéa do fausto e vigor, que a natureza desenvolve em algumas das produções vegetaes d'outros climas. Que admiração não deve suscitar a *baobab*, que chega ás vezes a adquirir 90 pés de circumferência? Este é em dimensões o maior portento do reino vegetal. Adanson calcula engenhosamente que uma destas arvores, quando tem aquella grossura, conta perto de seis séculos de duração [\*]. Ha taes que 20 negros de mãos dadas não podem abraça-las. Porém não é em attenção á grandeza, mas sim á utilidade, que os naturaes as veneram com certo religioso aca-tamento. Os fructos lhes dão alimento, ainda que

(\*) Este illustre naturalista francês, em hora do qual foi posto á arvore o nome botanico — *adansonia* —, deduziu o seu calculo do exame dos circulos concentricos observados em uma secção do tronco.

grosseiro, substancial; e em caso de fome até as folhas lhes aproveitam. Da casca ou côco dos mesmos fabricam vasos solidos, e das cinzas da lenha extraem sabão; finalmente da casca manufaturam cordas, lonas e pannos grosseiros, murrões e mechas. As abelhas gostam de se adjunctarem em caixas ou cortiças que para esse fim lhes põem sobre os ramos da baobab. Com o tempo estas arvores se fazem ócas, e assim recolhem nas concavidades agua sufficiente em cada uma para matar a sede a milhares d'individuos, sen-

do por este modo utilissimos depositos naquellas abrasadas regiões. Assim como os arabes tiram innumereis vantagens da palmeira dos desertos, os negros do Congo as colhem da corpulenta *baobab*, menos a de construirem seus abrigos á sombra della, porque, sujeita a apodrecer, cão ás vezes subitamente, e os esmagaria na propria morada com a violencia da queda. Emfim, este vegetal é mais um daquelles beneficios que a sabia mão da Providencia repartiu convenientemente pelo universo.

## METEOROLOGIA.

*Observações sobre a quantidade de chuva annual em Lisboa, comparada á de outros pontos do globo,*  
por M. M. Franzini.

3.<sup>o</sup>

Mappa que indica o numero de dias de chuva ou chuveiros, e a quantidade de agua que tem caido em Lisboa nos dez annos comprehendidos entre 1816 e 1826, com os resultados médios deduzidos para cada um dos 12 meses do anno.

ESTAÇÕES DO ANNO, E MEZES CORRESPONDENTES.	N.º dos dias de chuva ou chuveiro.			Quantidade de chuva que caiu sobre a superficie da terra.			Canadas d'ág.	
	N.º de dias.			N.º de millim.				
	Maximo.	Minimo.	Médio.	Maximo.	Minimo.	Médio.		
Inverno . . . . .	Dezembro . . . . .	18	6	14	126	29	83	292,2
	Janeiro . . . . .	26	4	11	267	11	77	271,0
	Fevereiro . . . . .	14	„	8	121	„	52	183,0
	Março . . . . .	12	2	7	82	4	35	123,2
	<i>Médio da estação</i> ——————	„	„	40	„	„	247	869,4
Primavera . . . . .	Abril . . . . .	19	2	13	138	5	72	253,4
	Maio . . . . .	14	2	8	113	3	39	137,3
<i>Médio da estação</i> ——————					„	„	111	390,7
Verão . . . . .	Junho . . . . .	7	1	3	26	2	10	35,1
	Julho . . . . .	7	„	2	28	„	7	24,6
	Agosto . . . . .	8	„	3	24	„	8	28,1
	Setembro . . . . .	12	1	5	103	3	85	123,2
<i>Médio da estação</i> ——————					„	„	60	211,0
Outono . . . . .	Outubro . . . . .	18	4	12	156	16	93	326,8
	Novembro . . . . .	19	6	12	114	42	79	227,6
<i>Médio da estação</i> ——————					„	„	172	604,4
<i>Médio annual</i> ——————					„	„	590	2075,5

Esta taboa foi deduzida das observações feitas em Lisboa, no alto de S. Pedro de Alcantara, elevado 73 metros [331 palmos] sobre o nível do Téjo, nos dez annos de 1816 a 1826, sendo medida a chuva em um *pluviometro*, que nos ultimos tres annos se transferiu para o edificio da real cordoaria da Junqueira.

As duas primeiras columnas, como o indica o seu titulo, denotam o maior e menor numero de dias de chuva em cada mez, e a terceira o numero médio deduzido dos dez annos de observação. — A 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup>

columnas mostram a maior e menor quantidade de agua que caiu nos mezes correspondentes, durante o mesmo periodo, medida em millimetros da medida decimal francesa, dos quaes 220 equivalem a um palmo portuguez. — A 6.<sup>a</sup> columna é o resultado médio deduzido. Finalmente a 7.<sup>a</sup> columna mostra o numero de canadas de agua, e decimos de canada, que esta quantidade média de chuva fornecia durante o mez na superficie de uma braça quadrada, e que na totalidade de um anno equivale quasi a 7 pipas de 25 almudes. Para fazermos uma idéa mais

clara da quantidade de agua que fornecem as chuvas, deve-se reflectir que á pequena altura de um millimetro correspondem um pouco mais de  $3\frac{1}{2}$  canadas por braça quadrada, e para uma legua de 20 ao grau a enorme quantidade de 76:000 pipas.

Sendo a quantidade média annual da chuva de 590 millimetros ou pouco mais de  $2\frac{2}{3}$  palmos; segue-se que se a dividirmos em 100 partes, destas pertencerão aos 4 mezes do inverno 42 partes, aos 2 da primavera 19, aos 4 do verão 10, e aos 2 do outono 29. — Egualmente se observa a perenne secura dos mezes de Junho, Julho e Agosto, aos quaes só correspondem 4 centesimos da chuva annual, distribuidos em 25 dias de insignificantes chuvas, sendo bem notável este phenomeno do nosso clima, se o compararmos ao de *París*, onde nestes mesmos 3 mezes cár 41 centesimo da chuva total, ou dez vezes mais do que em *Lisboa*. As mesmas observações nos patenteiam a grande desegualdade das chuvas nos 2 mezes de Abril e Maio, as quaes em geral decidem da fertilidade das colheitas. — Se classificarmos os mezes segundo a ordem da maior abundancia de chuva, aparecerão collocados na seguinte serie — Outubro 93 millimetros, Dezembro 83, Novembro 79, Janeiro 77, Abril 72, Fevereiro 52, Maio 39, Março e Setembro 35, Junho 10, Agosto 8, Julho 7.

Daqui provém a notável diferença do nosso clima relativamente ao seu sistema agronomico, quando se compara aos de França e Inglaterra favorecidos no estio com copiosas e uniformes régas naturaes, e por consequencia a necessidade de as suprirmos artificialmente, e de modifícarmos ás nossas circumstancias as regras de que abundam as excellentes obras agronomicas que se teem publicado naquelles illustres paizes.

#### *Resumo das observações feitas até ao presente.*

	<i>Dias de chuva.</i>	<i>Total em millimet.</i>
Anno de 1816	— 106	— 762
" 1817	— 105	— 524
" 1818	— 111	— 535
" 1819	— 111	— 675
" 1820	— 97	— 713
" 1821	— 90	— 487
" 1822	— 101	— 523
" 1823	— 120	— 699
" 1824	— 72	— 476
" 1825	— 63	— 436
" 1836	— 89	— 422
" 1837	— 57	— 261

Estas observações confirmam o facto geralmente reconhecido da grande sêcca dos dois annos passados, e mostram igualmente que a chuva caída nos dois mezes de Dezembro e Janeiro passados excede já de um quarto a escaça chuva de 1837. — A sêcca extraordinaria dos mezes de Outubro e Novembro de 1837 causaram grandes prejuizos ás lavouras e aos gados, principalmente no Alemtejo, aonde pereceu grande numero por falta de pastagens, e de agua, impossibilitando tambem que se lavrassem os terrenos destinados aos cereaes. Felizmente as primeiras chuvas de Dezembro foram brandas e uniformes, dando lugar á sua infiltração nos endurecidos terrenos, preparando-os assim para receberem facilmente as copiosas chuvas de Janeiro do corrente anno. — Deveremos pois esperar que a grande escacez das nascentes,

observada nestes ultimos annos, cessará no proximo verão uma vez que as chuvas continuem regulares nos mezes seguintes.

Por esta occasião não podemos deixar de repetir que as faltas de arvoredos alteram essencialmente a natureza dos climas, expondo-os ás alternativas das vicissitudes atmosphericas; diminuindo a quantidade de chuva annual, e por consequencia as fontes e mananciaes interiores. Os arvoredos, guarnecedo e afornoseando com suas frondosas sombras os cumes e encostas das montanhas, além das preciosas produções que oferecem quasi gratuitamente aos seus cultivadores, purificam a atmosphera absorvendo o gaz acido carbonico, que substituem por gaz oxygenio ou ar vital por excellencia. As suas fortes raizes seguram a terra vegetal, e impedem que as chuvas a precipitem sobre os valles e sobre os rios, que entulhando seus leitos as levam por fim ao mar, deixando descarnadas e estereis para sempre essas mesmas montanhas. Os arvoredos diminuindo a força dos raios do sol dão lugar a que a agua das chuvas infiltre a terra e se aproveite nos seus depositos internos, diminuindo a evaporação. Estas mesmas arvores quebram a furia dos ventos, e atraem a humidade passageira da atmosphera, com a qual se nutrem e prosperam, embelesando com a sua magestosa corpulencia os terrenos mais estereis.

É pois incrivel como apezar de tão importantes benefícios sejam as arvores tractadas em Portugal com o maior desprezo. Existe entre nós uma fatal preocupação contra esta bella produção da natureza, e quasi todos os habitantes dos campos tem um decidido prazer de as destruir, sendo as mais novas aquelas que mais desafiam seu estupido rancor, não só pela maior facilidade de as arrancar, mas tambem porque lhes servem para a arma favorita dos cajados. É lastima ver os contornos da capital quasi exauridos de arvoredos, extendendo-se já este fatal exterminio até a romanesca serra de Cintra, outr'ora tão povoada de frondosos bosques, que tanto contribuiam para a sua abundancia de preciosas aguas, e frescura do seu clima, que lhe grangeou uma celebriade europea. As antigas arvores que contavam muitos séculos e guarneçiam a romantica estrada de Cintra a Collares vân-se abatendo e não se substituem, e ainda ha pouco, tendo uma sociedade de benemeritos cidadãos feito plantar alguns centos de arvores ao longo do bello caminho que atravessa a monotona charneca de Cintra, foram em bem pouco tempo arrancadas. Se assim continuarmos podermos ter a certeza, que com o andar dos tempos irá peorando o nosso clima, e que a escacez de chuvas e humidade no estio irá gradualmente crescendo, e por conseguinte fazendo o paiz mais esteril e desabrido. — Não terminaremos esta curta digressão em favor das arvores, sem mencionarmos os horriveis estragos que se vão fazendo no Alemtejo contra os productivos montados, abatendo-se os formosos sobros e carvalhos para delles se fazer carvão. Muitos proprietarios pelo mesquinho interesse do momento sacrificam arvoredos que com a sua produçao annual lhes forneciam uma renda equivalente a mais de um terço do que recebem uma só vez com o barbaro corte, não curando de os substituir por novas plantações.

Notável contraste se observa na fertil e industriosa província do Minho, a qual, pelos seus densos e continuados arvoredos, mantém uma saudavel frescura no seu solo, retendo em proveito da sua agricultura as abundantes aguas que brotam as serras do Marão e Gerez, situadas ao oriente, e que pela sua posição fazem embate ás nuvens chuvosas do sudoeste as quaes alli se condensão, entregando suas aguas

aos numerosos rios, que nascem naquellas montanhas e atravessam a província do oriente para o occidente.

As terríveis consequencias do imprudente desprezo pela conservação dos arvoredos, quasi geral em todo o reino, convém faze-la patente por todos os modos, afim de obstar á sua continuaçāo.

Nos numerosos successivos do Panorama daremos men-

salmente um resumo das observações metéorologicas que se continuam a fazer nesta cidade em um edificio sito no largo da Patriarchal queimada, em uma elevação sobre o Téjo, que pouco excede aquella que já mencionámos para o largo de S. Pedro de Alcântara, e que o nosso consocio promette enviarnos regularmente.



AVE DO PARAISO.

A AVE DO PARAISO, OU MANUCODIATA ORDINARIA.

[*Paradisea apoda. LIN.*]

E' MAIS celebre este formoso passaro pelas qualidades falsas e imaginarias, que lhe attribuiram, do que pelas suas propriedades verdadeiras, ainda que mui notaveis. O nome de *passaro do paraizo* suscitou nos amadores do maravilhoso a idéa d'uma ave privada de pés, que voava sempre, até dormindo; que quando muito se pendurava dos ramos das arvores alguns instantes, mediante os longos filamentos, que tinha na cauda; que punha e chocava os ovos sempre voando, do que não ha exemplo em a natureza; [1] que se nutria unicamente de vapores e d'orvalho; que tinha a cavidade do abdomen toda cheia de gordura em vez d'estomago e d'intestinos; que, finalmente, não tinha mais existencia que o movimento, mais elemen-to que ar, e que neste se mantinha em quanto respirava, como os peixes se conservam nas aguas, e só vinha a terra quando caía morta.

Esta enfiada d'erros grosseiros é com effeito uma cadeia de consequencias deduzidas do primeiro erro, que suppunha que a ave do paraizo não tem pés, quando os tem, como outra qualquer, e não pequenos. Procedeu a illusão de que os mercadores indios, que commerceiam nestes passaros, ou os caçadores indigenas, que lh'os vendem, usam, para os conservar e

transportar mais commodamente, secca-los com as pennas, mas arrancando-lhe previamente as pernas, e as entradas; e como, trazidos á Europa para enfeites e ornatos, só appareciam neste estado, fortificouse aquella preocupaçāo a tal ponto que foram tractados por mentirosos os primeiros, que disseram a verdade, como de ordinario sucede. Assim Aldovrando dentro do seu gabinete na Europa desmentiu sem cérémonia Antonio Pigafetta, que testemunhou vira as manucodiatas com pés, quando embarcado a bordo da frota do nosso intrepido Magalhāes em 1525. Não faltou tambem quem asseverasse que estas aves saíam do Eden, ou paraizo terrestre. Mas é hoje sabido que as florestas da Nova-Guiné e das ilhas proximas são os logares em que habitam, e onde os naturaes lhes fazem guerra incessante por causa do valor de suas pennas, muito procuradas na India para diferentes adornos, e tambem pelas virtudes miraculosas, que lhes atribuem, como d'um passaro ao qual denominam *de Deus* aquelles povos credulos.

O genero das manucodiatas abrange varias especies: a da nossa gravura é copiada de um desenho chin tirado do natural, e representa a que chamam *Paradisea apoda*, a nosso ver sem rasão, porque este nome, deriva da crença popular da falta dos pés; Shaw a denominou *Paradisea major*. A belleza da sua plumagem effectivamente merece a estimação, de que goza, não só pela graciosa apparencia geral, como pela delicadeza e bem concertado das cores. A sua maior singularidade consiste em dois copiosos feixes de pen-

(1) Vid. o que a este respeito dissemos tractando da classificação dos animais a pag. II do 1.º vol. deste jornal N.º 3.º

nas, que nascem por ambas as ilhargas, d'entre as azas, e as côxas das pernas, e que prolongando-se muito além do rabo verdadeiro, e confundindo-se com este, por assim dizer, fazem uma especie de cauda ficticia, que illude ao primeiro aspecto. Estas pennas *subalares* são das que os naturalistas chamam decompostas: levíssimas em si, formam pela sua reunião um todo tambem mui leve, um volume quasi sem peso, como se fosse aeroio, e que aumenta o tamanho apparente da ave, ainda que este regule pelo dos nossos gaios, e ao mesmo tempo diminue o seu peso específico, e a ajuda a sustentar-se no ar: contudo serve isto algumas vezes d'estorvo á velocidade e direcção do vôo, por pouco que o vento seja contrario; e tem-se observado que as manucodiadas procuram abrigar-se das ventanias, e frequentam os paizes onde reinam ventos brandos; porque a estructura particular das pennas lhes não permite pousar nas arvores em occasião de tufoes, e se a violencia da refrega as deitasse ao chão não poderiam recobrar o vôo.

Ha nestas aves outra particularidade; e vem a ser, dois compridissimos filamentos, ou hasteas, que saem da rabadilha, que só tem barbas nas extremidades, e que se prolongam muito além das pennas *subalares*. Tem mais de tres palmos de comprido em muitos individuos; e nas femeas são mais curtos. Tambem neste genero, como em todos os mais das aves, o trajo e adorno dos machos é mais brilhante e sumptuoso, ao passo que as suas companheiras se contentam com vestido mais modesto. Andam nisto ao inverso da especie humana.

A plumagem, como dissemos, é esplendida e formosa. Sonnini diz que é impossivel pintar com palavras o brilho, e mudaveis reflexos de suas cores, e que a estampa melhor illuminada mal poderá representá-las. Limitar-nos-hemos a dizer que a parte superior da cabeça e o pescoco são amarelo côn de canario, que esmorece gradualmente na formosa côn de castanha, ou de chocolate do todo do corpo, e desta ultima côn são as azas, o rabo, e os filamentos. As pennas *subalares* parecem douradas, e são por extreimo delicadas. Além disto na base do bico, e á roda dos olhos a pennugem é tão lisa que parece formoso veludo preto ondeado de verde escuro, e contrasta admiravelmente com o esmeralda da garganta de vivissimo lustre. O acastanhado do corpo é mais claro pelo costado, e mais escuro pelo ventre: os pés são côn de lilaz. Este esboço apenas dará uma fraca idéa do rico vestuario das manucodiadas, inundado de esplendidos reflexos metalicos: além de que varia infinitamente em certas epochas, por causa da muda de pennas, que é consideravel e duradoura.

Estas bellas criaturas regosijam-se, e espanejam-se com todo o garbo quando veem que alguém as observa; como se tem notado em algumas conservadas em gaiolas. Neste estado caseiro alimentam-se com arroz cosido misturado com ovos, e com insectos vivos da tribu dos gafanhotos, em que nunca tocam se lhos ministram já mortos.

Bennet [*Wanderings in Polynesia*], e Valentyn [*Histoire naturelle des oiseaux de paradis*] afirmam que estas aves passam ás ilhas d'Arou na monção d'oveste, ou tempo secco, e voltam á Nova-Guiné na estação chuvosa, ou monção de leste, em bandos de 30 a 40, capitaneadas por um passaro, a que os naturaes chamam rei, e é preto salpicado de vermelho.

#### CASO DE FR. LUIZ DE SOUSA.

TEREMOS occasião, de futuro, de traçar a biographia deste nosso celebre escriptor que será perpetuo mo-

delo para todos aquelles que pretendem escrever bem a lingua portugueza. Poucas pessoas ha que não conheçam o auctor da Historia de S. Domingos, e da vida do arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martires: é desse historiador notavel que nós referiremos um caso que prova qual era o caracter independente e altivo deste homem que depois foi tão humilde e comedido.

Manuel de Sousa Coutinho viveu no tempo em que Portugal gemia debaixo do dominio da Hespanha. Antes de entrar no claustro, separando-se de sua mulher D. Magdalena de Vilhena, e tomando o nome de Fr. Luiz de Sousa, morava [pelo anno de 1599] na sua casa de Almada, entregue aos prazeres domesticos, e á agricultura. Rebentou nesse anno a peste em Lisboa, e, talvez porque julgassem que Manuel de Sousa era pouco affecto ao dominio hespanhol, no que não se enganavam, os governadores do reino, querendo retirar-se da cidade escolheram para sua habitação a villa de Almada, e em Almada a casa de Manuel de Sousa. Repelliua elle esta offensa do direito de propriedade; mas vendo que eram baldadas todas as representações, pela propria mão lançou fogo ao edificio de que o queriam expulsar e fugiu para Madrid, onde não consta que fosse perseguido por um tal feito de animo ousado. Foi durante a sua residencia na corte de Castella, que elle publicou as obras do poeta hespanhol Jaime Falcão.

#### GAZETAS.

#### III

##### Origem das gazetas em Portugal.

TENDO fallado das gazetas entre os romanos, e da sua origem entre as nações modernas da Europa, restamos traetar da introducção deste genero de escriptos no nosso paiz.

O Sr. João Pedro Ribeiro cita um decreto de 1642, em que se prohibem os periodicos, *pela pouca verdade de muitos e o estilo de todos*. Isto parece provar que esta especie de escriptos estava generalizada em Portugal, já pór aquelles tempos. Porém nem nós podemos achar taes periodicos; nem aquelle eruditio escriptor, que sobre a materia consultámos, nos pôde dar esclarecimentos ácerca de semelhante objecto.

Apezar de todas as indagações que fizemos para descubrir gazetas portuguezas anteriores a 1640 não as podemos encontrar. — E' verdade que antes dessa epocha apparecem relações volantes dos acontecimentos publicos, nacionaes ou estranhos; mas taes relações nem eram periodicas, nem tinham em si a disposição de uma gazeta. Um acontecimento notavel, principalmente de guerra, dava materia a estas publicações, de que difficilmente aparecerá hooje uma collecção completa, por serem rarissimas muitas delas. As relações dos naufragios, que se reimprimiram no seculo 18.<sup>o</sup> n'uma collecção intitulada *Historia Tragico-Maritima*, eram desta especie de publicações, de que se poderia tecer um largo catalogo.

A gazeta mais antiga que vimos foi uma do mez de Novembro de 1641. Existe esta com outras subsequentes na bibliotheca publica da corte, mettidas todas n'uma pasta, onde se conservam com a estimação que merecem. Esta gazeta está marcada no alto da primeira pagina com o numero 14, feito á mão, com tinta que mostra bastante antiguidade, e assim o estão as subsequentes com os numeros successivos, o que nos faz conjecturar que talvez as gazetas remontem ao anno de 1640, e que começasse logo depois da revolução, supondo que n'alguns mezes

se publicaram duas, como para o diante aconteceu. Era preciso animar o povo depois daquella ousada tentativa; convinha narrar-lhe as vantagens alcançadas contra a Hespanha, bem como as dificuldades em que se via involvida aquella monarchia, e até exagera-las; e por ventura o governo não achou meio nenhum mais azado a seus intentos, do que lançar mão das gazetas, invento que como vimos era já conhecido em outros paizes da Europa.

Esta gazeta de Novembro de 1641 que mencionámos, tem rosto como qualquer livro, não o tendo as que seguem, o que juncto á falta das anteriores, poderia tambem fazer suspeitar que elles começaram então. Não podendo desfazer esta duvida, creia cada um o que quizer.

Eram, pois, estas publicações mensaes, e ás vezes saíam duas por mez. O formato das primeiras gazetas era em quarto, e é de notar que assim continuaram até 1820. Cada uma se compunha de seis paginas ou mais; o seu preço variava segundo o numero delles; mas uma gazeta custava regularmente 6 réis.

Como já notámos, o objecto principal destas gazetas antigas era dar noticias da guerra com Castella; continham, além disso, as novidades ocorridas nos paizes estrangeiros, as novas publicações litterarias de vulto, os obitos das pessoas notaveis, e variedades curiosas, tudo narrado com tal concisão e simplicidade, que seria de imitar pelos periodistas modernos. Quanto aos successos militares, vemos que já não é novo o costume dos periodicos, o exagerar as perdas alheas e eneobrir as proprias; data esta usança em Portugal do anno do Senhor de 1640 ou 1641.

Desde este anno até 1644 uma alteração notavel se foi fazendo na redacção das gazetas: as noticias da guerra com Hespanha cessaram, ou porque as *relações* soltas e especiaes de cada acontecimento as tornasse desnecessarias, ou porque o governo achasse por algum motivo particular que não era conveniente公开ar tudo: o que é certo é que já por 1644 as gazetas continham quasi só noticias estrangeiras, e saíam de dois em dois meses.

Gazeta nenhuma vimos do seculo 17.<sup>o</sup>, posterior a 1645, posto que talvez as houvesse: entretanto, do artigo de introducção ao 1.<sup>o</sup> numero do Mercurio, publicado desde 1663 até 1667 pelo celebre portuense Antonio de Sousa de Macedo, se vê que nesse tempo nenhum periodo se publicava em Portugal, do que o erudito Macedo largamente se queixa naquela introducção.

O Mercurio redigido por um homem tão habil, por um politico tão consumado, como era o auctor da *Lusitania Liberata*, teve grande voga; mas parece não escapou ao fado de todos os diarios politicos. O P.<sup>r</sup> Vieira o taxava de pouco veridico [1] e, o que mais é, de impolítico [2] e de mal escripto [3]. Se aqui andavam odios de corte não o diremos nós, ainda que no-lo possa fazer crer o serem estes dois grandes escriptores de bandos contrarios na questão entre D. Affonso 6.<sup>o</sup> e o usurpador seu irmão.

Desde o anno de 1667 não vimos mais gazetas senão em 1715; mas daqui avante ellas continuaram até o nosso tempo. Publicavam-se semanalmente, a principio ao Sabbado, depois á Quinta, depois á Sexta feira: para os fins do seculo passado, affluindo materias que se pertendiam inserir neste papel, os supplementos começaram a sair em outros dias da semana, e a tal ponto cresceram, que os havia todos os dias. Foi assim que se converteu successiva-

mente a gazeta de Lisboa de mensal em semanal, e de semanal em diaria.

#### GRANDE MURALHA DA CHINA.

A MAIOR parte das antigas relações ácerca da grande muralha que divide o imperio chinês da Tartaria eram exageradas e contradictorias porque os autores delas não tinham visto com seus proprios olhos esta maravilhosa obra. Ultimamente os ingleses mandaram em 1792 uma embaixada á China, de que ia encarregado Lord Macartney. Barrow, um dos que formavam o sequito do embaixador, nos deixou uma curiosa relação da viagem que fizeram, na qual lhes foi necessário atravessar a grande muralha. E' dessa viagem que nós extraímos o que vamos dizer sobre tal materia.

Esta barreira, construcção gigante, e uma das mais espantosas que mãos de homens tenham levado a cabo; esta barreira, que data de vinte séculos, tem mais de 1:300 milhas de comprimento, desde o extremo occidental do Chen-si até o extremo oriental do Pe-tchi-li. Corre por cima dos cerros mais ingremes, atravessa desfiladeiros profundos, corta por torrentes, nem pára ás margens dos rios. E' composta de muros paralelos, cujo intervallo está entulhado com terra e cascalho: os alicerces consistem em grandes pedras em bruto, sobre as quaes assenta o macisso das paredes, que são feitas de tijollo. Tem de altura 24 pés, e de largura 13. De cem a cem passos tem uma torre em que ha artilharia. Barrow faz os seguintes calculos, cuja absoluta exactão não sustentaremos.

"Este muro é tão desmesurado, diz elle, que, admitindo, o que creio ninguem ainda negou, que tem de comprido 1500 milhas, e em toda a parte as mesmas dimensões que lhe vimos no lugar em que Lord Macartney o atravessou, os materiaes de todas as casas de Inglaterra e de Escocia, que montam a um milhão e oitocentas mil, e avaliadas, umas por outras, as paredes de cada uma no volume de 2:000 pés cúbicos, não equivalem aos que estão mettidos na grande muralha da China. Não faço entrar neste calculo as grandes torres que nella se elevam. Só estas torres, supondo que as haja em todo o comprimento da muralha, a tiro de frecha umas das outras, contém o mesmo tijollo, pedra e argamassa, que haverá em todos os edificios de Londres. Para dar uma idéa do volume da grande muralha, direi, que os materiaes que encerra, seriam de sobejo para construir um muro que desse duas voltas á roda do globo, tendo seis pés de altura e dois de grossura."

Attribue-se este monumento a Tsinchi-Hoang, que reinou n'uma epocha anterior a Christo dois séculos. Para se defender das correrias das bellicosas tribus errantes que trasbordavam da Asia central, mandou fazer esta immensa obra, e a levou a cabo, segundo dizem, em cinco annos, sendo empregado nella de cada seis homens um, de toda a população chinês. Depois de acabada deram-lhe o nome de Van-Ly-Tching, dez mil lys [4]. Apesar desta maravilhosa trincheira, a China duas vezes foi conquistada; a primeira pelos Mongoes, e a segunda pelos tartaros Mantchús.

#### IMPOSTOS QUE PAGA UM INGLEZ.

LORD Brougham, n'um discurso sobre os impostos

(\*) O ly é uma medida de distancia entre os chins. Um estadio chinês, que chamam Ly, tem trescentos passos; um passo tem seis covados: um grão tem duzentos e cinquenta estadios chines. Lucena. Vida de S. P. Xavieir.

(1) Cartas tom. 2. c. 4. (2) Ibid. tom. 1. c. 28 e 55. (3) Ibid. tom. 1. c. 69.

da Inglaterra, proferido antes de ser nomeado chanceller, enumerava da seguinte maneira os diversos impostos inglezes:

“ Pagámos direitos de tudo quanto nos entra na boca, nos cobre o corpo ou temos debaixo dos pés;

“ Direitos de quanto agrada á vista, ao ouvido, ao tacto, ao olfacto, e ao paladar;

“ Direitos do que está na superficie da terra, dentro d'água, ou debaixo da terra;

“ Direitos de tudo que nos vem de fóra, ou é produto do nosso paiz;

“ Direitos das materias brutas, e do valor que lhes dá a industria do homem;

“ Direitos dos mólhos que provocam o appetite do homem, e das drogas que lhe restituem a saude;

“ Direitos do arminho que cobre o juiz, e da corda que estrangula o criminoso;

“ Direitos da prenda do casamento, e dos pregos do esquife;

“ Na cama, a bordo d'um navio, no nascente e no poente, temos de pagar direitos.

“ O rapaz de escola açoita a sua boneca *taxada* com um chicote *taxado*.

“ O homem adulto dirige o seu cavalo *taxado*, com uma redea *taxada*, por uma estrada *taxada*.

“ Finalmente, o inglez agonisante, tomando um remedio por que pagou 7 por 100, n'uma colher por que pagou 15 por 100, torna a deitar-se n'uma cama cuberta com chita por que pagou 22 por 100; faz o testamento cujo sello custa 8 libras sterlinas, e expira nos braços d'um boticario a quem pagou 100 libras para conferir-lhe o direito de o fazer morrer.... As suas propriedades pagam o imposto de 20 a 10 por 100; exigem tambem direitos enormes para enterra-lo no cemiterio; um marmore *taxado* transmite á posteridade as suas virtudes, e só finalmente quando chega a reunir-se com os seus antepassados deixa de pagar impostos.

#### FESTA EM MOGUNCIA EM MEMORIA DA INVENÇÃO DA IMPRENSA.

JÁ HOJE ninguem contesta que a invenção da typographia fosse a causa principal, ou quasi unica, da moderna civilisação. Os leitores do Panorama conhecem em resumo a historia deste maravilhoso invento, de que tractámos no 3.<sup>º</sup> numero do nosso jornal. Ahi vimos que Moguncia fôra o berço da typographia, e que debalde outras cidades querem roubar aquella semelhante gloria. Os moguntinos determinaram perpetua-la por mais um modo, elevando um monumento a Guttenberg: foi encarregada a obra ao celebre escultor Thorwaldsen, emulo de Canova. Acabada o anno passado, nos principios de Agosto, os dias 14, 15, e 16 daquelle mez foram destinados para a sua inauguração na praça publica que tem o nome do inventor da imprensa. Muitas cidades da Europa concorreram para a erecção daquella memoria, que consiste principalmente na estatua de Guttenberg. A praça no dia 14 estava cheia de palanques, e pelo meio delles mastros com as bandeiras das diferentes cidades que haviam contribuido para a obra. O mais notavel que houve nesta inauguração foi uma orchestra que estava collocada a um lado da praça e destinada á execução de um *Te Deum* composto pelo cavalheiro Neukomm, de proposito para ser cantado naquelle logar e hora. Foi executado por 1:300 vozes, acompanhadas pelas bandas de musica de tres regimentos prussianos, pela orchestra do theatro e por outras, sendo o total dos musicos 1500. Nas pausas entre as tres repetições do *Sanctus*, faziam os cheiros 40

tambores e salvas de artilharia disparadas com a maior certesa. Nos dois dias immediatos seguiram-se grandes regosijos e invenções curiosas por toda a cidade.

*A vingança frustrada* — Vinham na mesma embarcação dois soldados inglezes, irreconciliaveis inimigos, que por muitas vezes se haviam batido em duelo, porém um delles, como mais fraco, nunca saíra do combate sem ferimento. Era notorio a todo o regimento o mutuo rancor de ambos, e os seus superiores lhes haviam prohibido sob pena de morte o virem ás mãos. Foi entretanto o regimento mandado para a America, e o soldado vencedor não cessava de insultar durante a viagem o seu camarada do que muitos soldados eram testemunhas, até que uma noite achandose sós velando na tolda da embarcação, chamou o mais fraco de parte o seu inimigo, e quando julgou que o homem que estava ao leme nada ouviria, disse-lhe: “Estás sempre a insultar-me; és mais forte do que eu; porém serrei vingado. Ninguem nos vê; lançar-me-hei ao mar, e como a nossa inimizade é publica accusar-te-hão da minha morte, e pouco tempo terás de vida.” Dizendo isto, executou o seu intento, e as suspeitas caíram com effeito sobre o seu inimigo que ia a ser punido. Porém felizmente o marinheiro que então estava ao leme tinha ouvido parte do discurso, e justificou o infeliz que a não ser isto morreria enforcado.

*Invenção das meias* — A origem das meias parece ser muito moderna: dizem que foi uma mulher que inventou o modo de as fazer, mas o seu nome, e a epocha em que viveu são cousas que se ignoram. As primeiras meias foram feitas de linha ou de lã, e eram rarissimas em quanto não apareceu um tear para as fabricar, cujo inventor tambem se não sabe quem foi. Attribuem alguns autores esta ingenhosa machina a um serralheiro da Baixa-Normandia, que entregou a Colbert um par de meias de seda feitas em tear, para as offerecer a Luiz 14.<sup>º</sup> A intriga, sempre adversa aos inventos uteis, fez com que não obtendo o inventor da machina o premio que devia esperar na sua patria, a introduzisse na Inglaterra, onde foi muito bem acceita. Todavia a França a recobrou em 1656, em virtude d'um prodigioso esforço de memoria que João Indret fez para recordar-se de como era construida, e ella foi aperfeiçoada em 1808 por Wiedman.

Henrique 3.<sup>º</sup>, rei de França, foi o primeiro que se apresentou com meias de seda feitas á agulha, na função do casamento de sua irmã com o duque de Saboia. A cõr das meias foi por muito tempo a dos vestidos que se usavam com elles e só ha cousa de um seculo ficou sendo indiferente.

Cabe fazer aqui menção d'um uso escocez, que teve fim no 15.<sup>º</sup> seculo. Quando a noiva se mettia na cama, no primeiro dia do casamento, apagavam as luzes, e ella atirava com a meia para o ar, e das donzelas presentes aquella que tinha a felicidade de apanha-la, ficava muito capacitada de que casaria naquelle anno.

#### A INFANCIA.

*Traduzido do dinamarquez de Baggesen.*

Quando eu era pequenito  
Tinha um covado de altura . . .  
Em me isto lembrando chôro,  
E no chôro acho doçura,

Era o brinquinho de todos;  
Era da casa o regalo;  
A mãe me trazia ao collo,  
O pae no hombro acavallo.

Tristezas, penas, cuidados  
Eram tanto para mim,  
Como os risos de Glicera,  
Como o dinheiro e o latim.

Fazia idéa de o mundo  
Ser mais pequeno do que é;  
Mas supunha-o mais alegre,  
E cheio de boa-fé.

Nuvem da aurora ou poente  
Sempre cuidei ser papoulas,  
O iris pedras mui finas,  
As estrellas lentejoulas.

Custava-me em tantas joias  
Não poder pôr as mãosinhas;  
Que inveja vos tive ás azas  
Oh mosquitos e andorinhas!

Se um monte apanhava a lua,  
Quem me lá dera, dizia,  
A ver se é bem redondinha,  
E de que é feita, e se é fria.

Pois o sol? como eu scismava  
De o ver cada tarde ao certo  
Ir todo alegre apagar-se  
No mar dourado e deserto:

E logo a manhaã seguinte,  
De nuvens rasgando o véu,  
Traze-lo de novo acceso  
Já d'outra parte do céu.

Mil cousas então pensava,  
No meu juizinho estreito,  
A cerca do pae celeste  
Que ao sol e a mim tinha feito.

Com devação de creança  
Punha as mãos e ajoelhava,  
E as orações repetia  
Que a boa mãe me ensinava:

"Pae do ceu fazei que eu siga  
As santas leis que me daes,  
Que eu seja amigo de todos,  
Que vos agrade, e a meus paes."

Depois resava por elles,  
Por minha irmaã, pela gente  
Que morava em cada choça  
Da nossa aldêa innocent,

Pelo rei, que eu nunca víra,  
E velhos pobres, que eu via  
Pagar-nos com suas rezas  
A esmola de cada dia.

Tempos de paz e de gosto!  
De vós que resta?... A saudade:  
Esta, ao menos, Deus piedoso,  
Me conserva em toda a edade.

Annos  
de  
J. C.

SEMANARIO HISTORICO.

Março 25

1223 — Fallece elrei D. Afonso 2.º, nascido a 23 de Abril de 1185, tendo de edade 38 annos e de reinado 12.

1504 — O celebre Duarte Pacheco, defendendo Cochim, com 150 portuguezes, faz retirar o numeroso exercito do Çamorim.

1506 — Parte de Lisboa com uma armada de 22 vellas, e 1500 soldados D. Francisco d'Almeida, primeiro vice-rei da India.

26

1515 — Conquista Affonso de Alboquerque pela 2.ª vez a cidade de Ormuz.

1622 — São expulsos da Hollanda os jesuitas.

27

1211 — Morre elrei D. Sancho 1.º, nascido a 11 de Novembro de 1154, tendo de edade 56 annos e de reinado 25.

1492 — Descobre Christovam Colombo a ilha de S. Domingos, hoje republica do Haiti.

1515 — O Adail Lopo Barriga conquista a praça de Amagor na Africa.

28

1249 — Conquista elrei D. Affonso 3.º aos mouros a cidade de Faro.

1380 — Diz-se que neste dia fôra a primeira vez que na Europa se fez uso da polvora, n'uma batalha entre os venezianos e os genovezes.

1561 — D. Antonio de Noronha com 400 portuguezes, desbarata, juncto a Surrate, um numeroso exercito do regulo Chinguiscão.

29

1559 — Uma armada portugueza de seis vellas, garnecida de 200 soldados, derrota outra do Çamorim composta de treze vellas, garnecida por 2000 homens de peleja.

30

1282 — Vespertas Sicilianas. — A historia deu este nome á matança feita em todas as tropas francezas que estavam na Sicilia, ou porque foi á hora de vespertas, ou porque o toque de vespertas foi o signal dado pelos conspiradores para começar acarnificina. Dizem alguns historiadores que nenhuma conspiração houve, e que foi um acto de vingança popular subito e espontaneo contra a tyrannia e crueldades que os conquistadores francezes tinham practicado por muito tempo na ilha. Affirma-se que 8000 francezes pereceram neste dia.

31

1549 — Thomé de Sousa lança neste dia os primeiros fundamentos da cidade da Bahia.

1621 — Morre Philippe 3.º d'Hespanha e 2.º de Portugal, tendo 43 annos de edade, e 22 de reinado.

1814 — Capitulação de París, onde entram os soberanos aliados. Abdicação de Napoleão, e restituição de Luiz 18.º ao throno de França.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal N.º 55 = 1.º andar.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.